

ALGUNS APONTAMENTOS DA PALESTRA PROFERIDA PELO Cd^a PEDRO PIRES
NA SEDE DO SECTOR DE S. VICENTE, EM 7/7/87 DIRIGIDA AOS
MEMBROS DOS COMITÊS E QUADROS COM FUNÇÕES NO ESTADO

Enquadramento da palestra

VII reunião ordinária do Conselho Nacional do PAICV, onde foi feita uma reflexão profunda sobre a acção do Partido na Sociedade.

Intervenção do Partido na Sociedade

- . o militante profissionalizado no Partido
- . o militante com funções no Estado
- Uns e outros fazem abordagens diferentes porque têm experiências diferentes.
- Todo aquele que dirige encontra sempre obstáculos sérios, ^{a mudança não} ~~o que não~~ sempre é compreendido e aceite por todos, vindo aí, às vezes, má vontade e tendência para autonomização do Estado, sem ter em conta as orientações do Partido.
- Dirigir significa trabalhar com homens e não com máquinas. ~~Dai que~~ Cada um tem os seus ^{identidade própria} ~~actos~~ e, sobretudo, cultura que temos de ter em conta em cada momento. Para dirigir a sociedade é preciso conhecê-la (nos seus traços gerais) e conhecer a sociedade implica conhecimento dos homens individualmente.
- Com o avanço da Sociedade, maiores são as dificuldades, mais complexas se tornam as coisas. (No Partido e na Administração desenvolvem-se muitas experiências já acumuladas). Temos de conhecer a experiência global de todos. É necessário juntar as duas experiências para se fazer a síntese da intervenção do Partido.

Quadros do Partido

- Muitos consideram que os quadros do Partido se resumem ao seu corpo profissional, não vendo o Partido no seu todo. Daí a dicotomia Partido/Estado. Mas todos estão no mesmo barco, com o mesmo rumo e sob o mesmo comando.
- O Partido existe para exercer o poder e o poder é exercido por todos os seus membros, estejam eles onde estiverem.
- Muitos pensam que aqueles que trabalham fora do aparelho partidário não são do Partido, mas, sim, do Estado ou da organização onde trabalham.
- Quem está no Estado tem que pensar que ele é também do Partido.
- O Partido deve controlar melhor a acção dos seus quadros, quer estejam no aparelho do Partido, no Estado ou noutras organizações.

Teoria e Prática

- Teoria é síntese e abstracção. ^{banitas} (As teorias são sempre positivas). A prática é mais rica, porque é nela que vamos encontrar as dificuldades, pois, trabalhamos com homens.
- Num processo político não se põe nunca as derrotas nas teorias. A teoria manda fazer, mas não diz como, nem apresenta " priori " as dificuldades a enfrentar.
- Em matéria de revolução social, cada caso é autónomo (particular). Nenhum caso é igual a outro. Não é possível juntá-los todos no mesmo saco.
- Não há laboratório onde possamos fazer uma mini-revolução e depois generalizar. O nosso laboratório é a acção prática de dia-a-dia. Somos todos, ao mesmo tempo, objecto e sujeitos dessa acção. Todos nós somos matéria-prima, reagentes e técnicos de laboratório.
- As orientações não vêm de nenhum laboratório. O nosso laboratório é o nosso país e cada uma das nossas estruturas e organizações. Cada realidade cria o seu próprio laboratório social.

- Não há prática sem teoria, assim como não existe teoria sem prática. A prática antecede a teoria, mas a teoria ^{Sistemática e vivida} enriquece a prática. Portanto há necessidade de, periodicamente, fazermos o balanço. Temos que estudar o comportamento das pessoas. Terá que haver reflexão, análise e desenvolvimento do pensamento à volta dos nossos objectivos e daquilo que se faz. Cada homem tem a sua experiência e tem, portanto, uma contribuição a dar. Importante é ter um espírito criativo e crítico.
- Temos que ter uma visão global do Partido e da sua experiência na sociedade civil. É necessário estudar a experiência do Partido no Estado e na Sociedade civil e fazer a síntese da actividade do Partido para o reforço do mesmo.

praxis
partido
na

Processo de desenvolvimento

- Actualmente está-se a verificar que a realização dos nossos objectivos é muito mais lenta e mais complexa (dificuldades internas e externas), dado o tipo de sociedade que queremos construir: uma sociedade de justiça, progresso e ^{social e} igualdade. Mas temos que ver que isso leva, muitas vezes, a diferenciações sociais que nem sempre são aceites e compreendidas. Aí começa a haver dúvida, ~~no~~ desengajamento e desmotivação.
- Que saída (perante esta situação) ?
- Tem-se procurado saídas para as dificuldades, mas nessa procura não há um entendimento entre as partes. Para cada momento há uma estratégia própria. Temos que ser realistas e levar em conta os contrapesos sociais que têm de funcionar, sem desvirtuar o projecto político.
- Para conseguir um dado desenvolvimento temos que estabelecer uma meta. Temos que pôr a barra na altura que podemos saltar. Comparar a nossa sociedade com as mais desenvolvidas é um erro grande e, claro, isso não é possível e não podemos realizá-lo.
- Quando é que houve ^{desenvolvimento} industrial num deserto de indústria ? Cabo Verde é um autêntico deserto industrial. Daí que temos de ser realistas. Temos que ter a convicção e a persistência necessárias para podermos conseguir o que queremos.

- A fraqueza do país, a situação catastrófica herdada, o valor humano encontrado e suas limitações.
- Temos que compreender que a mudança não é fácil e que qualquer sistema faz resistência às mudanças.
É importante criar em cada sítio as condições necessárias para se tirar maior proveito das potencialidades existentes, através da análise, reflexão e discussão sobre os problemas, como condição para avançar.
- Necessidade duma formação organizada dos militantes, com base numa estratégia de acção.
- Temos a nossa experiência e há a experiência dos outros. Temos que valorizar a nossa experiência, mas não devemos ignorar a experiências dos outros.

Crise internacional

- Queremos viver como quem ? (com os pés em Cabo Verde e a cabeça na Europa ou nos Estados Unidos ?)
- Qual o nosso modelo de vida ?
- Qual é a referência para Cabo Verde ?
- Dá a impressão de que existem dificuldades em assumirmos o nosso país.
- Cabo Verde é extremamente frágil. Daí a importância duma boa gestão. Isto é fundamental para não provocar o desequilíbrio, para não cairmos nas garras do FMI.
- Há toda uma propaganda que visa convencer-nos de que os africanos não sabem o que querem, nem para onde vão. São tachados de maus gestores.
- Desenvolve-se hoje a teoria da tutela para os africanos, sob a égide do FMI e do Banco Mundial. Eles é que vão dizer como é que os africanos devem agir. Mas temos que compreender que, nem o FMI, nem o Banco Mundial vão resolver o nosso problema.

- Exemplo do ZAIRE: 12 anos sob a batuta do FMI, mas a situação não muda, porque não existe um Partido político que ^{assuma} discuta e tome decisões.
- 1ª A questão é de comando e de opção política;
- 2ª Há que assumir o comando do país;
- 3ª Não desviar para fora o que é do país;
- A tendência é para dizerem que os africanos não são capazes de dirigir o seu destino. Como agora já não existe a tutela do colonialismo, querem pôr-nos sob a tutela do FMI e do Banco Mundial.
- Para dar confiança às pessoas, nós teremos de ser os primeiros a dar prova disso.
Se nós próprios não confiamos no nosso país, ninguém mais vai confiar nele.
- A nossa diferença em relação aos outros é que nós temos à frente um movimento político que se preza pelo patriotismo e amor à Pátria. Daí que a maioria está de acordo com a nossa opção. Mas isto não é suficiente. Teremos de formar a opinião da maioria favorável a essa opção, e isto consegue-se através do trabalho ideológico do Partido.

Exigências do Progresso

Os custos sociais

- Não é possível satisfazer as necessidades sociais, pondo em causa a independência nacional. Tem de haver uma entrega total dos militantes e de todos os cidadãos na viabilização do país. Fazer com que o progresso chegue a todos (de maneira diferente e diferenciada, mas que chegue a todos).
- O desenvolvimento tem custos sociais. Exige sacrifícios morais e ^{custos} gastos sociais. Não podemos hipotecar o futuro.
- Não há entre nós uma mentalidade empresarial. Como metê-la na cabeça? As empresas não podem ter uma política salarial que coma todos os lucros, porque aí é que reside a nossa garantia para investimentos futuros.

- Arbitragem entre o consumo e investimentos, entre o consumo e a poupança, de forma a impulsionar o desenvolvimento, de modo a evitar os empréstimos, sob pena de endividar o país.
- Exigência e preocupação em aumentar a produção e a produtividade.
- Outro custo social: estudar e aprender todos os dias, mudar o nosso comportamento. Não existe entre nós uma mentalidade empresarial, não existe uma educação económica. A preocupação é ter emprego, bom salário e preocupar-se com a vida pessoal.
- É necessário que nós aprendamos e corrijamos os nossos defeitos durante a marcha.
- Um outro custo social é ter de castigar aquele que merece.
- Desenvolvimento não pode ser só a custa de ajudas internacionais. Nós temos que fazer o desenvolvimento. Quem não faz desenvolvimento ou que se limita á distribuição da ajuda internacional é a Cruz Vermelha. Cabo Verde não é Cruz Vermelha. Assim, temos que promover o desenvolvimento. Não podemos viver enganados. Há empresas que não incluem as amortizações na contabilidade e aparecem a dizer que têm lucros, mas que são fictícios.
- Para se ser dirigente no nosso país é preciso sacrifício moral, é preciso mudar o nosso comportamento e estudar muito.
- O país não avança na anarquia, nem na irresponsabilidade, na ignorância e no igualitarismo. O processo de desenvolvimento é uma marcha forçada, porque, se assim não for, seremos excluídos do mundo moderno. E Cabo Verde terá que fazer essa marcha para poder acompanhar o mundo moderno, o mundo dos computadores.

Empirismo e bom senso
investigação científica

- O empirismo e o pragmatismo excessivos podem levar-nos a desviar do caminho. É necessário estudar. O que entrava é o medo, o receio, a desconfiança, adí vida se seremos capazes de chegar à meta que pretendemos atingir. Isto pode rá exigir certas concessões, que poderão pôr em causa a nossa via de desen-

volvimento.

- . O nosso problema não se resolve com a entrega da cabeça, porque ela esteve entregue aos Portugueses durante séculos e nada se resolveu. Fomos para to dos os lados e tudo ficou na mesma. Daí: que o nosso problema não se resolve por essa via, mas, sim, através de compromissos assumidos na base daqui lo que queremos.
- . Que compromissos ?
 - o problema dos investimentos estrangeiros:
 - que investimento ?
 - como promovê-los ?
 - Turismo
 - Empresas mista
- . Impõe-se um desafio: passar do empirismo para uma intervenção mais científica e fundamentada, para uma análise que utilize a cultura e a investigação.
- . É necessária a abertura á sociedade, abertura do debate. Hoje fala-se muito nisso. Mas só abre quem é forte.
- . Para isso é preciso que o Partido seja forte, disciplinado e ^{coesão} ~~convencido~~.
- . É necessário um debate interno para o reforço da coesão ideológica, para melhor clarificar ideias e esclarecer-se para se defender.

Abertura para debate, sim, mas temos de dirigir o debate. Há necessidade duma nova educação ideológica dos militantes, através dum debate interno. O trabalho ideológico e de formação terão que ser vistos.
- . Gerir o debate para consolidar a consciência nacional, reforçar a consciência colectiva, para o reforço da unidade nacional e da vontade nacional para o desenvolvimento.

- Mas não debater para assumir a vontade e a posição (os valores) dos outros . Há que fazer com que o militante do Partido seja um líder social. Para isso temos de opinar e conviver com os outros.
- O objectivo do Partido é uma Administração participada.
- Abertura para o exterior, mas não para nos virem colonizar. Daí que é preciso estarmos convencidos daquilo que queremos, para que possamos debater defendendo os nossos valores culturais e políticos, em suma, para que possamos defender a nossa opção de desenvolvimento.
- Qual o nosso papel no processo de desenvolvimento ? Um papel de ilustres des conhecidos ou um papel activo ? Temos ou não o dever de solidariedade com os outros povos africanos ?
- De início diziam que Cabo Verde era um País inviolável. Hoje já não dizem isso, mas acham-se no direito de determinar a via que devemos seguir. Não podemos aceitar isso !
- Durante muito tempo os africanos foram tratados como mercadorias e não como homens. Será que os africanos não têm direito a uma revanche histórica ? Será que não temos o direito de nos afirmarmos como homens e passar a ^{o próprio} fazer uso da palavra ? Nós achamos que temos o direito de nos afirmarmos como povo e o direito a essa revanche histórica.
- Não vamos continuar a aceitar ficar sempre para baixo. Devemos bater para termos, pelo menos, a igualdade em dignidade.
Para tal, temos que o provar e mostrar que temos direito a um lugar histórico. *na história.*
- A questão não é só um problema económico, mas também, um problema rácico. Temos de mostrar-lhes que a inteligência humana não ficou só com eles.
- O destino de Cabo Verde é o de provar aquilo que ele vale, provar que a inteligência não ficou só com uns tantos, que temos, também, inteligência e que somos capazes.